

# Tempos muito estranhos

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

A inflação nos Estados Unidos está, neste momento, perto de 10% ao ano, número de país latino-americano. O euro caiu e o rublo subiu, a Bovespa derreteu, a guerra da Ucrânia, que deveria durar semanas, já está no seu quinto mês e não dá o menor sinal de que esteja perto do fim. Entre 100 e 200 soldados ucranianos morrem por dia. No lado russo, 25 mil soldados já sucumbiram, segundo os ingleses. O presidente Bolsonaro desconhece que os países europeus e os Estados Unidos elegeram Vladimir Putin como o inimigo a ser vencido e decide comprar óleo diesel dos russos, o que prejudica o esforço de guerra na Europa e entrega recursos ao inimigo.

As sanções econômicas aplicadas contra a Rússia, contraditoriamente, estão punindo europeus e os próprios norte-americanos. Nunca o preço do combustível foi tão elevado no país do norte. Uma forte recessão econômica está se armando no horizonte e deve se abater por todo o ocidente. As coisas estão fora do lugar. O presidente dos Estados Unidos viaja para a Arábia Saudita com objetivo de solicitar ao príncipe que aumente a produção de petróleo. Isso significa jogar mais produto no mercado e, por consequência, baixar o preço. Biden, na verdade, pede ao dono do reino mais poderoso do planeta que reduza seus lucros. Ele tem autoridade para agir assim porque as forças armadas dos Estados Unidos têm bases militares no país. É a segurança do país.

Nos anos 1940, o então presidente Getúlio Vargas oscilou entre apoiar os países

aliados ou os do eixo Alemanha, Japão, Itália. Os três países já eram representados dentro do Brasil por enormes colônias de migrantes. Todas elas mantinham, intactas, o idioma e a cultura de sua origem. Declarar guerra ao Eixo não era fácil, mesmo porque os alemães estavam enviando equipamento bélico em grandes quantidades para o Brasil e tinham forte apoio político dos generais Eurico Gaspar Dutra e Góes Monteiro. Na posição contrária, estava o habilíssimo embaixador Oswaldo Aranha.

Vargas declarou guerra aos países do Eixo em janeiro de 1942 depois de balançar de um lado para outro. Conseguiu obter garantia de investimentos norte-americanos no Brasil, entre eles a siderúrgica de Volta Redonda, com tecnologia da US Steel, norte-americana. Mas teve que ceder a base de Parnamirim, próxima a Natal, e a ilha de Fernando de Noronha para as forças armadas norte-americanas. Havia lógica naquela loucura dos tempos de guerra na Europa. O exército nazista já tinha engolido Kiev, Ucrânia. No contra-ataque foi expulso pelas tropas de Zukov, o general soviético. Agora aquele território recebeu a invasão dos soldados de Putin. Tudo passa pela Ucrânia. E gera consequências em todo o mundo, inclusive aqui.

O Brasil experimentou essas fases em busca de alcançar bom lugar entre os países desenvolvidos. Bolsonaro está brincando com política internacional. Tudo tem preço. Não há amizades entre países, apenas interesses. Mas nos últimos tempos, políticos, parlamentares e dirigentes teimam em fazer o país

retroagir. Imitar os norte-americanos naquilo que eles têm de pior, que é a paixão pelas armas. Implantar a cultura do ódio, derivada do racismo estrutural, e readmitir práticas parlamentares que, muito recentemente, foram identificadas e devidamente punidas. As eleições estão seriamente ameaçadas pelo despatório de uns poucos que preferem dar tiros a proteger as leis que regem a democracia.

Orçamento secreto significa que os parlamentares usurparam do presidente da República a possibilidade de ter um programa de governo razoavelmente exequível. Ocorreu um carnaval de verbas que foram destinadas aos milhões para proveito pessoal e político. O presidente limita-se a fazer campanha, sempre com recurso à radicalização. E os parlamentares docemente constringidos votaram até a favor de um esdrúxulo estado de emergência. Os militares querem fazer a contagem de votos na eleição. Não confiam nas urnas eletrônicas. O desastre da administração militar na Saúde indica o que seria experiência semelhante na apuração eleitoral.

Os parlamentares talvez não tenham percebido que, com base neste mesmo estado de emergência que eles aprovaram, o presidente da República pode fechar o Congresso, cassar mandatos e acabar com a frágil democracia brasileira. São tempos muito estranhos. As decisões recentes adotadas no Congresso não homenageiam a inteligência de seus idealizadores. As bases do golpe foram lançadas. Tudo tem preço. E as revoluções costumam engolir seus líderes.

## Geoeconomia nos custos do mundo

» IGOR MACEDO DE LUCENA  
Economista e empresário, doutorando em relações internacionais na Universidade de Lisboa e membro da Associação Portuguesa de Ciência Política

A geoeconomia é caracterizada como um campo de estudo dos efeitos das ações políticas sobre o mundo econômico e vice-versa. Dentro desse conceito, a inter-relação entre Estados, empresas e investimentos ao longo do tempo vem sendo cada dia analisada como fundamental para o desenvolvimento das sociedades. Nesse contexto, talvez o ponto mais importante a ser analisado nos dias atuais seja o efeito que vem sendo causado dentro das cadeias globais de valor e principalmente como a globalização vem sendo alterada por eventos políticos em todo o planeta.

Se no início da década de 1990 estávamos assistindo ao mais rápido crescimento da globalização, o que se apresentava era visto como a expansão das empresas no exterior, a busca por fornecedores mais eficientes, a instalação de subsidiárias no exterior que pudessem ser mais produtivas e com menores custos e com margens de lucros cada vez maiores, mas hoje a situação não é tão simples e direta assim.

A rápida globalização também gerou problemas como a desestabilização de mercados financeiros e crises em mercados emergentes, e agora surge um problema ainda mais crônico: a ruptura de cadeias produtivas. A pandemia da covid-19 foi o primeiro choque desse tipo de ruptura, em seguida veio a guerra da Ucrânia. Outros problemas como desastres naturais ou novas pandemias podem tornar essa situação ainda mais complexa. A Apple prevê que pode haver perda de até 10% do seu faturamento por trimestre por causa desses tipos de problemas.

Nessa lógica, a busca incessante da globalização com foco unicamente na redução de custos se tornou não apenas arriscada, mas já vem prejudicando a cadeia produtiva completa das empresas, o que de fato as faz repensar como vão produzir daqui para a frente. Outro ponto fundamental foi a falsa ideia de que nações autocráticas poderiam se transformar em democracias por meio do sistema capitalista, desse modo contribuindo para o desenvolvimento social e humano.

A realidade que se apresentou foi inversa, pois nações como a China e a Rússia se tornaram capitalistas, mas seus líderes não democráticos utilizam o sistema globalizado como instrumentos de chantagem e coerção contra os inimigos e os agentes que desafiam seus interesses. Nesse contexto, a dependência energética e industrial dessas e de outras nações autocráticas passa não mais a ser um ativo de custos baixos e alta lucratividade para as multinacionais, mas se tornaram riscos que hoje desafiam a lucratividade das empresas em um mundo cada vez mais dividido por conflitos geopolíticos.

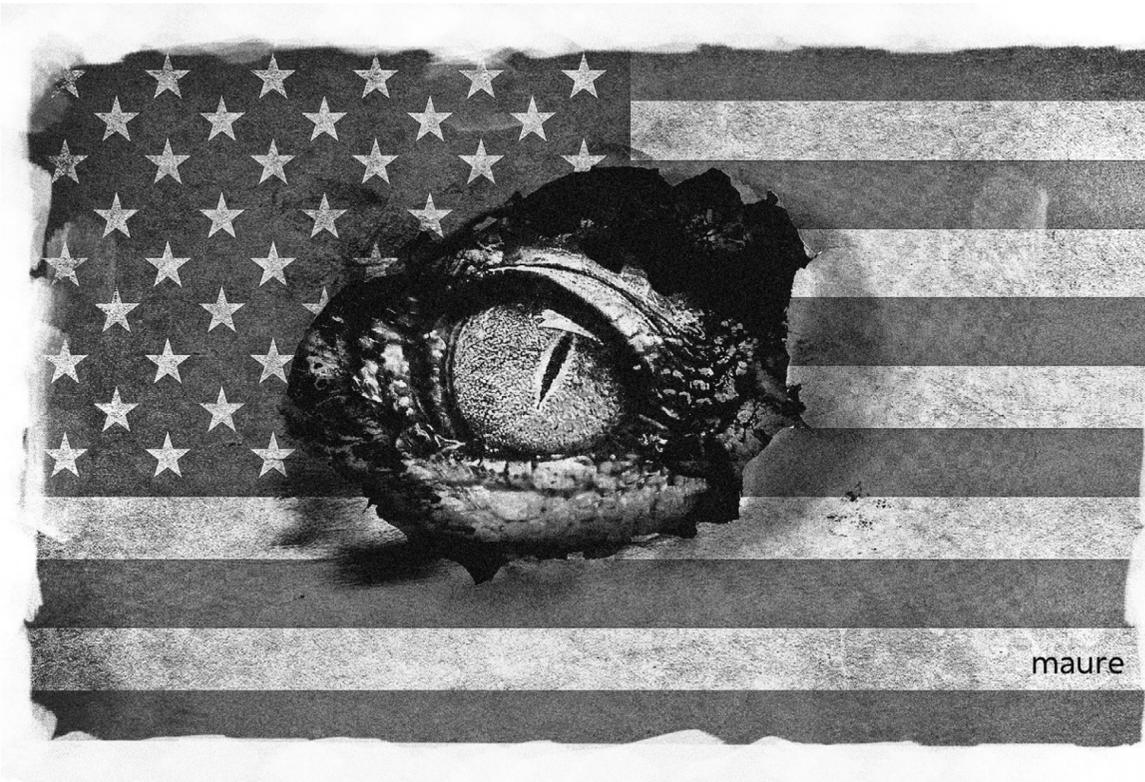
O fato é que agora as empresas precisam colocar a geopolítica e a geoeconomia dentro das suas contas de investimentos e procurar saber como esses aspectos podem afetar a produção. Exemplos hoje não faltam, sejam as sanções econômicas impostas à Rússia seja os novos lockdowns chineses da política Zero Covid. Tais ações afetam diretamente as cadeias globais de valor e paralisam corporações inteiras ao redor do planeta. Mas como as companhias vão se adaptar ao novo mundo? O primeiro passo já foi dado com a realocação de unidades fabris. O nível de Investimento Direto Estrangeiro em nações como Indonésia, Vietnã e Índia vem crescendo a taxas superiores às chinesas, pois as companhias não querem ficar à mercê de novos lockdowns chineses.

Segundo recente pesquisa da McKinsey, aproximadamente 81% dos fornecedores das grandes empresas que dependem de compras de matérias-primas passaram a trocar um por dois ou três fornecedores mesmo que isso venha aumentando seus custos unitários, contudo essa é uma maneira direta e objetiva para diminuir choques externos na cadeia de produção. Outra ideia está sendo aumentar o nível dos estoques, o que serviria para impedir paradas abruptas na produção, e isso imobilizaria mais capital, diminuindo o resultado das companhias. O fato de que essas companhias estão aumentando seus custos significa que elas temem rupturas nas suas cadeias produtivas e que isso se torne algo cada vez mais comum, colocando em risco a perpetuação das atividades.

Algumas empresas mais radicais, em especial do setor automotivo, já buscam verticalizar suas operações adentrando desde a extração do minério de ferro, passando pela transformação do aço e até participando de empresas de desenvolvimento de chips e baterias elétricas, o que mostra o grau de preocupação com eventos geopolíticos no futuro. Ao mesmo tempo, empresas chinesas ampliaram suas realocações para o México em busca de manter-se no mercado norte-americano sem as amarras e os problemas geopolíticos e sanitários da China, mantendo a ideia de regionalização do acordo US-MEX-CAN a seu favor.

Nações como a Alemanha voltam a utilizar o carvão como fonte de energia, e os Estados Unidos voltam a negociar um controverso gasoduto até o Canadá. O fato é que novas infraestruturas e novos contratos de longo prazo estão levando o mundo a uma direção na produção de bens e serviços menos eficiente, contudo mais seguros. Em uma recente pesquisa das Nações Unidas, constatou-se que mais de 100 nações possuem novas políticas industriais que consideram estratégicas para sua segurança e seu desenvolvimento no longo prazo. Se, por um lado, esses objetivos são uma resposta aos desafios geopolíticos apresentados pela atualidade, por outro podem representar aumentos de custos, ineficiência e mais protecionismo no comércio internacional.

A mudança nas cadeias produtivas não é algo trivial, não é simples, demanda tempo, demanda dinheiro e demora a ser efetivada. Entretanto, a mudança já começou e vai modificar de maneira profunda como as empresas são organizadas, como elas se relacionam entre si e principalmente vai colocar sobre a mesa sempre a questão geopolítica e geoeconômica, como riscos e vantagens que entrarão nas contas de qualquer atividade empresarial. A lição que vamos retirar disso tudo é que esses novos custos que levam em consideração mais do que a pura eficiência devem recair sobre os pagadores de impostos, as empresas e os consumidores. Por seu lado, seus benefícios devem ser reconhecidos no longo prazo, tornando a economia mundial mais resistente e protegida contra futuros choques neste momento em que as mudanças climáticas e as disputas geopolíticas estão crescendo rapidamente tanto em frequência quanto em intensidade.



## O memoricídio feminino na literatura

» SAMIRA ALVES  
Psicóloga, advogada e condutora do grupo de estudos Pensadoras Latino-Americanas na Rino Educação

Em diferentes áreas, a representatividade feminina é historicamente menor do que a masculina. Na literatura isso não seria diferente. Mas talvez a grande novidade nesse ponto é que, no ofício da escrita, as mulheres poderiam estar mais presentes se não fosse um fenômeno chamado memoricídio.

Esse assassinato ou apagamento das memórias, no caso das mulheres, faz com que a sociedade caia no mito de que a mulher produziu menos que homens por conta do papel que a sociedade impôs durante séculos, como o de donas de casa e esposas, impossibilitando-as de produzir conteúdo literário.

Como condutora do grupo de estudos Pensadoras Latino-Americanas, da Rino Educação, medie o debate "Qual o lugar das mulheres na literatura?" A discussão foi enriquecida pelas pesquisadoras doutorandas em literatura brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Priscila Branco e Janda Montenegro, além de Carina Carvalho,

mestre em estudos literários pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Na conversa, descobrimos que, mesmo com essas imposições de papéis sociais, a mulher nunca deixou de produzir literatura, podendo ter se igualado aos homens ou, talvez, até superado. No entanto, pela falta de registros da atuação feminina também nessa área, hoje temos a impressão de que elas produziram menos.

Ou seja, as mulheres escreveram e escrevem assim como os homens. O que acontece é que nem sempre elas chegam ao mercado editorial, seja pelo mau arquivamento, atividade também dominada por homens, ou até mesmo porque suas ideias são roubadas, como foi o caso de Karl Marx que utilizou pensamentos de uma de suas contemporâneas como se fossem dele.

Mas então, já que é sempre assim, o que podemos fazer? Bem, na mesma roda de conversa debatemos sobre a importância de dois pontos que ajudam a reduzir esse

impacto negativo: a ocupação de mulheres em cargos de liderança nas empresas e o incentivo à pesquisa.

O aumento do nome de mulheres nas lombadas dos livros passou a ser notado entre os séculos 20 e 21. Isso se deu graças à presença feminina na liderança das editoras. O fato de ter mulheres ocupando cargos de gestão nessas empresas fez que aumentasse o acesso feminino, ainda que privilegiado, às estantes das bibliotecas.

E quanto à pesquisa, ao passo que aprendemos com o passado, encontramos diversas obras e feitos de mulheres que não estavam nos registros. Temos aí também a importância do adequado arquivamento. O ideal é que tenha o mínimo de viés inconsciente sobre essa tarefa de forma que evite o memoricídio feminino que acontece ao longo da história. Com mais mulheres pesquisando hoje, além de suas obras serem registros femininos, ainda recuperam aqueles que se perderam pelo caminho.